

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Paz e Terra Rio de Janeiro, 1984, p. 79.

Glauca de Freitas

*Mestranda em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

Geraldo Gonçalves de Lima

*Doutor em Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)*

O livro “Educação e Mudança” foi escrito originalmente em espanhol e publicado pela primeira vez no Brasil em 1979, seu autor Paulo Reglus Neves Freire, educador e filósofo brasileiro, nasceu em 1921, aos 19 dias do mês de setembro, em Recife (PE), e faleceu em São Paulo (SP), no ano de 1997, aos 75 anos. Freire, considerado um dos maiores intelectuais do século XX, destacou-se na área da educação popular.

“Educação e Mudança”, em sua 8ª edição, contém 4 capítulos distribuídos em 79 páginas, traduzido por Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin e publicado em 1984 pela Editora Paz e Terra S/A. O livro tem como temática principal a conscientização da sociedade, especialmente dos educadores e gestores, e o papel da educação no processo.

No primeiro capítulo, “O Compromisso do Profissional com a Sociedade”, Freire analisa o homem enquanto profissional. Esse capítulo denota a reflexão de que não se trata de qualquer comprometimento e sim de um engajamento profissional com a sociedade. O ser sujeito, ora analisado, não é qualquer ser e sim aquele que faz de seus atos, de seu agir e refletir, um compromisso social, e assim é capaz de transpor limites impostos. O homem no mundo já é por si um ser responsável, assim não há homem sem mundo e nem o inverso, também não há reflexão e ação fora da relação homem-realidade. Ao contrário de um ser irracional, ele é transformador do mundo e essa característica implica diretamente na ação e reflexão, alterando ou atrofiando-as. Se impedido de refletir ou agir, o homem se fere profundamente, pois é de sua natureza o transformar para cada vez mais socializar os homens. A transformação é responsabilidade histórica do homem verdadeiramente comprometido e engajado com a realidade humana.

O autor ainda destaca que a neutralidade do homem referente ao mundo, à história e aos valores reflete o medo que esse homem tem do compromisso social. E esse medo pode resultar em um empenho contrário à humanização, pois os neutros mais atrapalham do que ajudam, uma vez que ficam comprometidos apenas com seu



próprio “mundinho” fechado. O homem, antes de ser profissional, é homem no mundo e deve ser por si próprio empenhado, mas pode ser autenticamente, falsamente ou até impedido de se comprometer-se verdadeiramente - quando uma pequena minoria manipula a grande maioria. Se ele não pode fugir de seu compromisso sendo apenas um homem no mundo, quanto menos fugirá fazendo-se um profissional.

Freire pontua que o compromisso profissional pode separar-se do engajamento em solidariedade, porém sem radicalismo, pois o profissional é um atributo do homem, não podendo o profissional negar seus valores de homem. O profissional não pode julgar-se um estranho no mundo, o dono da verdade, um messias e salvador de outros homens; caso assim proceda será apenas um alienado. Um comprometimento verdadeiro com a realidade e com os homens que nela estão depende de uma visão crítica e não ingênua. Se o compromisso é realmente com o homem, com sua humanização, não podemos prescindir da ciência, nem da tecnologia que são atualmente instrumentos de luta nessa causa; porém sem reduzir o homem a objeto da técnica, pois a obra não pode superar seu criador.

Quase sempre técnicos de boa vontade, e até ingênuos, deixam-se levar pelo tecnicismo e não perdem tempo tentando substituir totalmente o saber e procedimentos empíricos de um povo, sem antes ver o homem em sua totalidade. E o seu comprometimento com o outro? Até quando nossa sociedade sofrerá essa alienação cultural? Sociedades de economia que exportam matéria-prima e importam produtos manufaturados, ideias e técnicas são sociedades sem com-

promisso autêntico. Além disso, esse alienado não entende a diferença entre o ano calendário e ano histórico. A sociedade necessita buscar sua concretização e assumir um contrato autêntico com nosso país e não com o calendário.

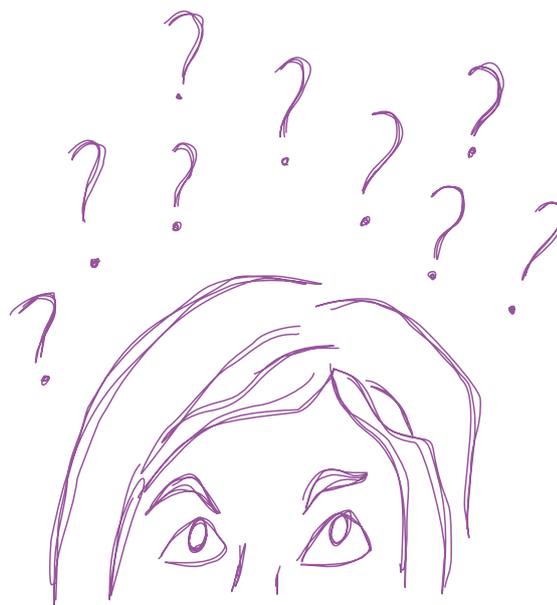
No segundo capítulo, "A Educação e o Processo de Mudança Social", o autor retrata um homem inacabado, mas questionador e em busca de mudança sem exclusividade, pois o homem não é um gueto, ele necessita ser sujeito com o mundo. E, assim, o que sustenta o processo de educação no homem é ele saber-se inacabado. O homem busca constantemente ser mais e isso o leva a uma constante busca do Saber – raiz da Educação. Dessa forma, o homem é sujeito de sua própria educação e não objeto desta; e a educação tem caráter permanente, mas não absoluto porque ninguém neste mundo sabe absolutamente tudo.

Freire destaca que não há no mundo um saber absoluto e nem uma ignorância eterna, pois todo saber emana de um não saber. Assim, um educador nunca deve se colocar em posição superior quando ensina, e sim em posição de também aprender com o outro que tem outros saberes, pois o saber é relativo. Amar é tarefa de sujeito e ama-se na medida em que se busca integrar-se com o outro. Só consegue educar de fato quem ama os seres inacabados, pois não se educa impondo medo. Não há educação sem esperança. O irracional não é um ser de relações e sim de contatos, diferente do homem que não só está no mundo, como também está com o mundo, já que é capaz de relacionar-se e de projetar-se nos outros. Assumir a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível é próprio de todos os homens - assim, afirma a importância de estimular o educando a refletir sobre sua própria realidade. Enfatiza nossa semelhança a Deus; e mostra que, se somos semelhantes ao criador, podemos também criar. O autor critica o ser "dirigido"; e percebe o quanto, ainda, nossa sociedade rejeita o homem rebelde. Todavia, na verdade, a rebeldia cria mais, acredita menos e faz nascer o sujeito. Assim, é necessário dar oportunidade para que o educando seja ele mesmo o criador.

Freire ressalta que toda transição é mudança, mas nem toda mudança é transição. Todo amanhã se cria do ontem e do hoje e o futuro do homem se baseia no passado e se corporifica no presente e na futura transformação de todos para todos. Há sim as sociedades fechadas em busca da preservação de seu status e/ou privilégios e, para preservá-los, desenvolvem todo um sistema educacional que mantenha a sociedade servil, para que não haja uma verticalização da massa que poderia ascender. Há também a imitação servil que outras culturas produzem nessa massa alienada que quer importar tudo, até mesmo técnicas que em outra terra deu certo, mas não percebe que sua realidade é outra.

O escritor esclarece também que o erro não está na imitação, mas sim na falta de autocrítica. Uma sociedade de transição pode surgir com a participação popular e daí surgem também novos valores e começa o processo de desalienação. Para haver a transição, o educador tem papel fundamental, pois quando as massas populares passivas se juntam começa o processo de democratização - que é o início do processo histórico. Essa massa, se descobrindo na educação, começa a exigir mais escolas e a elite ameaçada cria instituições de assistencialismo (baseada no antigo colonialismo), quando o educando recebe passivamente os conhecimentos que um superior quer que ele receba; e nada de escola participativa e democrática, nada de homens críticos.

No terceiro capítulo, "O Papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança", o autor analisa profundamente o título proposto, ressaltando que a frase é perfeita. No entanto, no decorrer do capítulo, ele nos mostra que a realidade não é assim tão perfeita e que o papel não se dá na mudança em si, pois a mudança é somente uma das dimensões do processo. Em uma estrutura social, há estabilidade e o que muda são as formas, por isso se observa aspectos de uma mesma estrutura, visivelmente mutáveis, mas por conta da resistência de uma "cultura" não se transformam. Para Freire, refletir sobre o papel do trabalhador social implica na análise da mudança e da estabilidade. O trabalhador social deve saber que a estrutura social é obra dos homens e que, se tiver que mudar será por obra dos homens, dado que o homem é sujeito e não objeto da transformação. O trabalhador social transformador não domestica: ele vê no outro homem sujeito e na mudança avanço e saída do *status quo*.



No quarto e último capítulo, “Alfabetização de Adultos e Conscientização”, Freire disserta sobre a alfabetização de adultos, relatando a experiência que ele mesmo viveu quando, convidado por Paulo de Tarso, ministro da Educação no Governo de João Goulart, trabalhou para o Ministério da Educação. Inicialmente confirma que as ações na educação não podem prescindir de uma reflexão sobre o homem e sua cultura. A educação é mais que a preparação de uma massa técnica esquecida de sua humanização. A integração do homem à sociedade lhe dá consciência de sua temporalidade, lhe faz crítico e, assim, ele faz sua história e cultura. As épocas históricas se formam com o homem criando e recriando. E a passagem de uma época para a outra caracteriza-se por fortes contradições entre valores por isso, Freire ressalta que transição é mais do que mudança. Conta ele que, no Brasil, havia uma prolongação na sociedade que se desvanecia em querer preservar-se, e uma sociedade que chegava e incorporava-se, mesmo contrária aos interesses do brasileiro. Na democratização, o povo passa a ser sujeito participativo e para o sectário essa humanização representa perigo; mas, o homem posto que seja no mundo já estabelece uma relação sujeito-objeto. O que a educação Eu-Tu faz no homem é inseri-lo no processo histórico, quando de objeto ele passa a ser sujeito na história.

Desde o início desse capítulo, Freire estimula o diálogo, sustentando que isso deveria ser conteúdo programático da educação que defendia. Além do mais, ele afirma que antes de alfabetizar o adulto, necessário se faz humanizá-lo. Primeiro, um diálogo educador com analfabeto sobre coisas concretas do seu viver. Assim, ele aprende primeiro na sociedade e entende criticamente o valor do ler e escrever. Alfabetizar-se após adulto tem de ser uma vontade de dentro para fora, ou seja, do próprio analfabeto, após ser tocado por um educador sem cartilhas.

No Brasil temos ainda muito a avançar em relação à educação como um todo, mas no quesito educação de adultos, assunto tratado em “Educação e Mudança”, os primeiros passos já foram dados, quando Paulo Freire e sua equipe levantaram pesquisas com analfabetos, pesquisas que estavam arquivadas na Universidade do Recife, e encontraram instrumentos eficientes para a ação do educador de adultos. Com o material recolhido na Universidade, selecionaram as palavras geradoras para o trabalho do educador de cada região do Brasil. Freire relata no livro que dentro de pouco tempo muitos brasileiros, antes objetos, agora são sujeitos, homens alfabetizados, porém queremos mais para a educação, desejamos uma educação de qualidade para todos e Freire já nos mostrou que o caminho é educar de sujeito para sujeito.